DOI 10.20504/opus2022.28.15

Música pampeana na formação de estudantes: uma prática estético-ambiental

Flávio da Silva Mendes
(Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande - RS)

Edson Ponick
(Universidade Federal de Pelotas, Pelotas - RS)

Luciana Netto Dolci
(Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande - RS)

Resumo: Este artigo é fruto de uma pesquisa que teve como objetivo identificar se a música pampeana é abordada nas atividades de música no Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça (CAVG) e de que forma acontece esta abordagem; vislumbrar se existem ações de formação estético-ambientais desenvolvidas no CTG Rancho Grande, bem como verificar a influência ou não do CTG Rancho Grande na formação musical dos estudantes do CAVG. O estudo se deu a partir de uma pesquisa bibliográfica e de pesquisa de campo. A pesquisa tem como base depoimentos orais de um grupo de oito estudantes, membros e ex-membros da patronagem do CTG. A análise dos dados fundamenta-se nos estudos de Green (1997, 2002) e Penna (2015). A partir deste estudo, podemos compreender a relação histórica entre este espaço educacional, a entidade tradicionalista e a música pampeana. Constatamos também que a música pampeana não é abordada na disciplina de música do CAVG e percebemos a presença da educação estético-ambiental nas práticas no CTG Rancho Grande, contribuindo na formação dos estudantes entrevistados.

Palavras-chave: Música Pampeana. Educação Musical. Educação Estético-Ambiental. CTG Rancho Grande – CAVG.

Pampean music in student development: An aesthetic and environmental practice

Abstract: This article is the result of a research project that aimed to identify if and how music of the pampas is being covered in the musical activities of the *Conjunto Agrotécnico* Visconde da Graça (CAVG) (an agro-tech high school in the state of Rio Grande do Sul, Brazil); to determine if there are educational aesthetic-environmental activities being developed at the Rancho Grande Center for Gaucho Traditions (CTG); and to verify CTG's influence, if any, on the music education of CAVG students. The study was based on bibliographical and field research. The research is based on oral testimonies of a group of eight students, patrons, and former patrons of CTG. Data analysis was based on studies by Green (1997; 2002) and Penna (2015). From this study, we understood the historical relationship between the educational institution, the traditionalist center, and Pampean music. We also ascertained that CAVG's music program does not address Pampean music, but we do perceive the presence of an aesthetic-environmental education in the practices at Rancho Grande CTG that contribute to the development of the students interviewed.

Keywords: Pampean Music. Music education. Aesthetic-environmental education. CTG Rancho Grande – CAVG.

MENDES, Flávio da Silva; PONICK, Edson; DOLCI, Luciana Netto. Música pampeana na formação de estudantes: uma prática estético-ambiental. Opus, v. 28, p. 1-14, 2022.
http://dx.doi.org/10.20504/opus2022.28.15
Recebido em 11/8/2021, aprovado em 20/8/2022

A educação é um processo eminentemente humano e tem por finalidade contribuir para o desenvolvimento do estudante a partir do embasamento teórico aliado às experiências significadas e sentidas, para que o educando se sinta cada vez mais estimulado na construção do próprio conhecimento. Sob este aspecto, mobilizamos nossos esforços como professores e pesquisadores a fim de propiciar o ambiente favorável para que a aprendizagem se efetive com êxito. Educar é possibilitar ao aluno ter as condições oportunas à criação e à elaboração próprias; e a Arte, como uma linguagem potencializadora deste desenvolvimento, permeia este trabalho: é uma educação pautada pelo estético.

A partir da perspectiva de Read (2001), entendemos que a educação pode ser ativada por vários modos de autoexpressão, como: literária, poética (verbal) e musical (auricular); em suma, uma educação dos sentidos. Assim, a "educação é incentivadora do crescimento, mas, com exceção da maturação física, o crescimento só se torna aparente na expressão – signos e símbolos audíveis ou visíveis -, portanto, a educação pode ser definida como o cultivo dos modos de expressão" (READ, 2001: 12).

As vivências artísticas são significativas e constituintes no processo de subjetivação. Nesta direção, trazemos o pensamento de Nietzsche (2012: 124) ao nos revelar que "por meio da arte nos são dados olhos e mãos e, sobretudo, boa consciência, para poder fazer de nós mesmos, olhando-nos de cima e de longe". E, ainda, "[...] precisamos descobrir o herói e, também, o tolo que há em nossa paixão do conhecimento, precisamos nos alegrar com a nossa estupidez de vez em quando, para poder continuar nos alegrando com a nossa sabedoria" (NIETZSCHE, 2012: 124). Os escritos do filósofo não só destacam a potência da arte na vida, mas também nos instigam a continuarmos nossa caminhada pedagógica por meio da Arte. As reflexões deste artigo procuram seguir nesta direção, abordando a música pampeana como potência de uma educação estético-ambiental na formação de estudantes do Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça (CAVG), instituição vinculada ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul)[1]. Nosso olhar está direcionado para o Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Rancho Grande, que pertence ao núcleo de atividades extracurriculares desta instituição.

Este CTG foi criado em 1954, quando o tradicionalismo gaúcho vivia a efervescência de um movimento recém-instaurado, organização oriunda dos ideais nacionalistas do governo Getúlio Vargas, onde um centro de tradições gaúchas seria quase uma obrigação em uma escola de cunho rural, como podemos observar nos escritos de Antunez, que diz:

> Uma escola localizada em uma cidade do estado do Rio Grande do Sul, portanto, em um município gaúcho, ainda mais sendo uma escola agrícola, seria de se estranhar, e muito, que nela não houvesse um CTG. A nação brasileira, em especial os gaúchos, ainda choravam a morte do presidente Getúlio Vargas, mas, em meio à emoção e com a finalidade de cultuar tradições, durante um aniversário da Agrotécnica, em outubro de 1954, era fundado o CTG "Rancho Grande", ficando como um departamento do Centro Social "Coronel Pedro Osório" (ANTUNEZ, 1996: 89).

Segundo Antunez (1996), ao longo dos anos, o Rancho Grande desenvolveu inúmeras atividades de cunho regionalista, como apresentações artístico-culturais, participação em desfiles cavalarianos nas datas comemorativas do Rio Grande do Sul, dentre outros eventos, dentro e fora da escola.

[1] Instituição de educação profissional técnica de nível médio e superior de graduação e pós-graduação. Ver em: http://www.cavg.ifsul.edu.br.

A partir do exposto até aqui, estamos propondo uma educação musical que se relaciona, também, com a educação estético-ambiental. Entendemos, a partir Schafer, que "nossa atitude em relação à música – sons que nos parecem significativos e merecem ser gerados – está condicionada aos sons ambientais de nosso século, geração e posição geográfica no planeta" (SCHAFER, 2011: 104). Algumas declarações dos entrevistados corroboram esta relação entre a música e o ambiente. Este é, portanto, um tema que merece nossa atenção.

Destacamos neste trabalho a profunda relação de pertencimento por parte de um grupo de estudantes do CAVG com este CTG e deste como epicentro de manutenção de tradições de cunho rural, com atividades artístico-culturais e com a música que outrora revelou grandes nomes do atual cenário fonográfico da música nativista do Rio Grande do Sul. Sob este aspecto, trazemos um dos conceitos de Pampa utilizado neste trabalho, convidando-nos a assumir que Pampa é uma "grande extensão de campo raso e plano, com pouca vegetação arbórea, constituído principalmente por pastagens e característico da região meridional do Rio Grande do Sul" (SCHLEE, 2019: 686).

É neste espaço geográfico-cultural, vislumbrando a interseção do local com o global e estimulando os estudantes para que, rizomaticamente[2], se configurem como cidadãos do mundo, reconhecendo os aspectos culturais que os circundam, que buscamos compreender como ocorreu a experiência do CTG Rancho Grande e se instigou a promoção e divulgação da música pampeana em uma perspectiva de formação estético-ambiental dos estudantes do CAVG.

Este trabalho evidencia, como já dito acima, o papel da música pampeana na formação de estudantes e a relação com a educação estético-ambiental; igualmente trazemos entrelaçados a este diálogo os seguintes temas: a música, a figura do gaúcho e o Pampa. Destacamos que, a partir de outras pesquisas realizadas, pudemos observar a complexidade na busca pela unanimidade conceitual de alguns destes tópicos, como, por exemplo, a música pampeana, que recorrentemente é apresentada como música nativista, música gaúcha e até mesmo música latino-americana. Ainda assim, compreendendo a dificuldade da tentativa do entendimento do que é música pampeana, destacamos a perspectiva de Vieira, quando diz: "a música colocada em análise não é simplesmente uma música feita no estado do Rio Grande do Sul, mas, sim, gêneros musicais que representam e constituem parte da cultura gaúcha" (VIEIRA, 2017: 14). Isto quer dizer que música pampeana ou latino-americana é aquela que, "ao longo do tempo, vem fabricando o Rio Grande do Sul, o Pampa rio-grandense, a natureza pampeana e um sujeito gaúcho idealizado tanto pela historiografia como pela arte, pela literatura etc." (VIEIRA, 2017: 14).

Igualmente importante para a formação dos estudantes é a educação estético-ambiental, compreendida por nós como o "processo de desenvolvimento e emancipação das dimensões humanas por meio de experiências significadas em um contexto histórico e social, que propicia a práxis nas relações sociais, políticas e culturais" (DOLCI; MOLON, 2018: 801). Detalhando um pouco mais, entendemos que é a educação dos sentidos, condição para a educação do cuidado com as relações sociais, com o outro, ocorrendo um movimento de simbiose entre elas, ou seja, a "educação estética é condição para a educação ambiental, e esta última influencia a educação estética" (DOLCI; MOLON, 2018: 801). Potencializamos os

[2] Rizoma refere-se a uma forma de compreensão da vida – no sentido mais amplo – como um sistema de conexões, sem início nem fim, permeado por linhas, estratos, intensidades e segmentaridades. A ideia de imagem de rizoma é oriunda da botânica e consiste em uma haste subterrânea com ramificações em todos os sentidos, como os bulbos e os tubérculos. De forma antitética, tem-se a árvore, com o caule e ramificações que se desdobram desse eixo central (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

nossos estudos na educação estético-ambiental, pois ela busca promover um repensar nas ações para alcançar novas ações, sendo a base para um agir reflexível" (DOLCI; MOLON, 2018: 801).

Percebemos que a prática estético-ambiental ocorre no momento em que a música pampeana começa a fazer parte da vida dos estudantes, pois torna mais prazeroso e agradável o ambiente de aprendizagem e estimula o gosto musical. Sob este aspecto, compreendemos que é possível, por meio da "prática estético-ambiental, trabalhar com os educandos, propondo uma reconexão do ser consigo, com os outros e com o mundo, transformando, assim, suas leituras de mundo e suas diferentes formas de atuação na sociedade" (DOLCI; SIMÕES, 2022: 23).

Sendo assim, são objetivos deste artigo: compreender como a música pampeana é abordada nas atividades de educação musical no CAVG, investigar como ocorreu a experiência no CTG Rancho Grande e se promoveu a formação musical dos estudantes do CAVG. Os sujeitos da investigação são oito estudantes, membros e ex-membros da patronagem[3] do CTG Rancho Grande, que aqui representam um recorte do coletivo educacional do CAVG. Esta decisão foi tomada pela impossibilidade de se determinar quantos estudantes utilizam e/ou têm algum envolvimento com este espaço extraclasse no CAVG, uma vez que é aberto a toda a comunidade escolar.

As reflexões apresentadas aqui baseiam-se numa pesquisa de cunho qualitativo que, conforme Bogdan e Biklen (1982), envolve a obtenção de dados predominantemente descritivos, contemplando traços de pessoas, situações, realização de entrevistas, aquisição de fotografias e outros documentos. Assim, a coleta de dados desta pesquisa foi desenvolvida em dois momentos. No primeiro, foi realizada uma entrevista individual por videochamada, atendendo às orientações dos órgãos de saúde, mantendo assim o distanciamento social em função da pandemia causada pelo vírus Covid-19. Para Triviños (1987: 152), "a entrevista semiestruturada favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade, além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações".

O segundo momento foi de escrita reflexiva acerca das manifestações artísticas pampeanas desenvolvidas no CTG/CAVG e quais os sentidos e significados destas para a formação de cada um dentro da instituição de ensino e o cruzamento com a bibliografia elencada como fundamentação teórica.

Entendemos ser fundamental admitir as pluralidades regionais, culturais e étnicas, ressignificadas a partir do sentimento de pertencimento, assim como Loureiro (2019: 50) relata, compreendendo que "a educação não é um processo aleatório, e a realidade é sempre interpelada pelo acúmulo cultural que carregamos, por conhecimentos, motivações e interpelações relativas ao que desejamos".

Desta forma, entendemos a relação entre a arte pampeana e o CAVG como potentes disparadores de problematizações, reflexões e ações, que estão para além das delinearidades deste artigo, sempre olhando com cuidado para o estudante. Sendo assim, abraçamos esta pesquisa como oportunidade de refletir sobre práticas estético-ambientais, olhando para a realidade de um determinado grupo de estudantes. Um processo laboratorial em que os objetos de análise não são somente os educandos, mas também nós, educadores.

[3] Conjunto administrativo de patronagem composto pela seguinte hierarquia: o presidente é o patrão, o vice-presidente é o capataz, o secretário é o sota-capataz, o tesoureiro é o agregado das guaiacas, e os conselheiros são os vaqueanos. Os frequentadores, que não possuem cargos na administração da entidade, são chamados de prendas e peões (LAMBERTY, 1989: 28).

1. Cultivando sonoridades

Iniciamos a produção de dados com alguns fragmentos de falas de três sujeitos da pesquisa. São recortes que isoladamente já sugerem a potência da música na vida destes jovens e que nos conscientizam da sua importância na formação de cada um destes estudantes. Destacamos a intensidade dos sentimentos, a sensibilidade das falas e a emoção ao emiti-las, como podemos verificar: "porque eu acabo não vivendo sem a música" (Whisleen)[4]; "só se sente em casa quando está ouvindo música gaúcha" (Lucas); "gosto de estar tomando um mate e escutando música" (Mariana); "gosto mesmo é de ouvir as músicas" (Matheus). Para conhecer um pouco mais destes estudantes, apresentamos a tabela a seguir:

Nome	Idade	Cidade	Ingresso	Curso/Modalidade	Situação
Matheus	20 anos	Canguçu	2018	Téc. Agropecuária/ Integrado	Cursando
Lucas	22 anos	Arroio Grande	2013	Téc. Agropecuária/ Integrado	Egresso
Mariana	18 anos	Piratini	2018	Téc. Agropecuária/ Integrado	Cursando
Whisleen	20 anos	Piratini	2017	Téc. Agropecuária/ Integrado	Cursando
Felipe	24 anos	Pelotas	2019	Téc. Agropecuária/ Subsequente	Cursando
Katherine	18 anos	Pelotas	2019	Téc. Agropecuária/ Integrado	Cursando
Júlia	17 anos	Pelotas	2019	Téc. Agropecuária/ Integrado	Cursando
Jordane	22 anos	Pedro Osório	2013	Téc. Agropecuária/ Integrado	Egresso

Tabela 1: Pampeanos participantes da pesquisa

Nossa intenção com a tabela acima é destacar alguns pontos de confluência entre os entrevistados e, também, seus distanciamentos. O primeiro dado diz respeito à idade dos participantes, que varia entre 17 e 24 anos, caracterizando-se pelo fim da adolescência e início da vida adulta. Outro aspecto relevante é o fato de serem pessoas nascidas e radicadas em municípios que correspondem ao Pampa da região sul do estado; a maioria deles apresenta grande identificação com o agronegócio e com as particularidades das interações pampeanas.

É possível que tais características estejam interligadas com a escolha do curso que desenvolvem junto ao CAVG, pois de forma absoluta os entrevistados são do curso Técnico em Agropecuária, no qual praticamente a totalidade é do curso integrado[5] e apenas um dos participantes do curso subsequente[6]. Entre os perfis analisados, está o período de acesso à escola, que varia entre os anos de 2013 e 2019, possibilitando-nos assim um recorte temporal de aproximadamente sete anos, tendo dois dos entrevistados já concluído o curso.

[4] Todos os entrevistados aceitaram publicar seus nomes no corpo do artigo.

[5] Ensino Médio + Técnico. Disponível em: http://intranet.ifsul.edu.br/catalogo/curso/61.

[6] Curso técnico. Disponível em: http://intranet.ifsul.edu.br/catalogo/curso/62.

Mais um ponto comum aos participantes da entrevista é que todos e todas ocupam ou já ocuparam algum cargo dentro da patronagem do CTG Rancho Grande, funções como de patrão, vice patrão, capataz, melhor *domo*, caseiro e peão, demonstrando, por meio de seus relatos, uma profunda relação com este espaço, como podemos perceber nas falas a seguir:

> […] meu contato com o Rancho foi antes, eu já tinha contato com pessoas de lá, já me falavam e eu gostava muito dessa parte. Aqui em Piratini eu tinha contato com o piquete, eu dançava em invernada, então para mim o Rancho era… eu sabia que ia gostar! No primeiro dia de aula, eu já fui conhecer o Rancho; na verdade, eu conheci o Rancho no domingo, porque eu era interna, então domingo eu cheguei, e a primeira coisa foi conhecer o Rancho. Já me apaixonei de primeira, né? E eu convivia muito! Mas, no primeiro ano, como normal de um bicho, um pouco envergonhada, eu ia lá de noite, terminava a aula, eu jantava. Como eu era interna, né, eu ia sempre de noite. Adorava ir de noite para lá, mesmo um pouco envergonhada; e aí depois fui me acostumando. No ano passado foi quando eu mais me aproximei, ia o tempo todo, me dou bem com todas as pessoas que convivem no Rancho (MARIANA).

> […] depois eu fui para o internato no CAVG. E aí eu estava sempre lá e fiquei de caseiro. Eu tinha que abrir o Rancho de manhã e fechar de noite, e toda a relação de lenha e tal, buscar a lenha e fazer fogo. Então, sempre foi essa a minha função, eu sempre estive muito ligado durante todo o tempo de CAVG, ligado ao Rancho. Depois foi trocando patronagem e eu sempre fiquei, eu estive cinco anos direto na patronagem do CTG, e algumas, fui solicitado para ser patrão […] (JORDANE).

Durante as entrevistas, em várias ocasiões, os estudantes manifestaram direta ou indiretamente que suas aproximações com o CTG Rancho Grande como espaço físico, mas principalmente como lugar das atividades realizadas por seus membros, foram alternativas para a sociabilização com seus futuros pares, como relatou Jordane: "[…] e eu estava sempre ajudando eles, que para mim aquilo era uma forma de integração. Hoje talvez se olhe de uma forma diferente, mas, na época, para mim era… era um modo de me integrar!". Segundo Green (1997), essa organização da sociedade a partir da formação de grupos é uma área de grande interesse por parte dos sociólogos e certamente influencia também a formação musical. Por meio de perspectivas conceituais, como as de Green (1997), que aponta para os significados musicais inerentes e delineados produzidos por determinados grupos, é possível analisar a construção social do significado musical dos sujeitos por meio de um deslocamento epistemológico da Sociologia, nos dizendo que

> […] em Música questionamos os significados da música que um grupo social produz, distribui e consome, quais são esses significados e como eles são construídos, mantidos e questionados. Para mim, o aspecto fundamental na Sociologia da Música é o compromisso de apreciar ambos os lados – a organização social da prática musical e a construção social do significado musical (GREEN, 1997: 27).

Outro dado que merece destaque se refere à relação destes estudantes com a música, pois, antes mesmo de serem estimulados pelo questionário que norteou as conversações, foram recorrentes as manifestações entre a música e o CTG, como na fala de Jordane: "entrei para o CAVG por causa da música"; e pelo relato de Júlia: "na hora do intervalo, a gente está sempre lá escutando música gaúcha", referindo-se ao CTG Rancho Grande. Essas intervenções se aproximam do pensamento de Penna, para quem

> […] a compreensão da música, ou mesmo a sensibilidade a ela, tem por base um padrão culturalmente compartilhado para a organização dos sons numa linguagem artística, padrão este que, socialmente construído, é socialmente apreendido – pela vivência, pelo contato cotidiano, pela familiarização –, embora também possa ser apreendido na escola (PENNA, 2015: 31).

Embora a abordagem aqui esteja voltada às práticas musicais no CTG Rancho Grande e, por consequência, à música pampeana, existem outras construções sociais instituídas no CAVG que encontram em outras músicas suas representatividades, assim como relata Jordane ao mencionar que a música é uma prática

> […] muito específica do Rancho, né? O resto do CAVG é uma linha muito mais aberta assim, sabe? Cada curso tem uma pré-característica de música, já se sabe mais ou menos o que cada um gosta, porque é uma coisa que vai passando, né? Assim como no Rancho tu escuta música pampeana e vai passando de uns para outros, nos cursos também. Eu conheci pessoas, gurias do vestuário que tinham um gênero musical que era uma música mais… música eletrônica ou uma música americana, né? Algo… Beyonce, Adele, essas coisas mais… isso era de anos, quando tinha a música da Adele na novela, assim que lançou, sei lá, 2012, 2013, e depois foi passando essa mesma linha, sabe? Porque foram entrando pessoas diferentes e foram pegando esse costume, entendeu? Então é uma coisa que… a música é uma coisa passada, que passa de uns para os outros, como costume, como cultura, assim, e até nos cursos é assim, né?

O relato aponta para a variedade de gêneros ou estilos musicais que compõe o campus do CAVG, revelando o terreno fértil para uma educação musical ancorada em diferentes padrões culturalmente compartilhados e socialmente aprendidos, como enfatizado na citação de Penna.

Como relatamos anteriormente, foi de mãos dadas com a Sociologia da Música – aquela que, segundo Green (1997), se interessa por grupos sociais e suas interfaces com a produção, distribuição e receptividade musicais – que conversamos com o grupo social formado pelos estudantes vinculados ao CTG do CAVG. Desta forma, apresentamos a relação dos participantes a partir do contexto músico/musicista *x* ouvinte de música, buscando entender qual é o envolvimento de cada um com a prática musical. Dentre os oito participantes desta investigação, apenas Lucas, Whisleen e Jordane são musicistas, sendo que Matheus, Mariana, Felipe, Katherine e Júlia são considerados não musicistas. Deste levantamento, destacamos que, mesmo todas e todos manifestando algum tipo de contato com a música, somente 37,5% dos entrevistados são músicos e, deste percentual, todos atribuem seus aprendizados em música ao CAVG e, mais especificamente, ao CTG Rancho Grande, como podemos observar nas seguintes falas:

> […] no CAVG foi onde eu consegui, foi onde eu tive mais contato com a música em si e me dediquei mais a ela. Foi lá dentro, conforme eu estive lá estudando, o principal foco que eu tive com a música; eu aprendi a lidar lá dentro, onde eu passei a compor, aprender, a querer, a me dedicar mais a tocar, cantar e participar de eventos. Foi tudo lá dentro, devido à grande influência da música e o abraço que eu tive do CTG ao me receberem lá (LUCAS).

> […] em 2017, quando eu entrei no CAVG, tive uma satisfação enorme de conhecer o CTG Rancho Grande – que é onde hoje eu tenho total, as minhas raízes todas estão lá, né? –, que eu realmente aprendi muita coisa sobre violão: aprendi muito ritmo, aprendi o que eu sei hoje basicamente de violão, 60% foram dentro do Rancho, com alunos, troca de ideias, amigos, enfim […] (WHISLEEN).

Antes de seguirmos falando sobre a formação musical presente nas experiências narradas pelos entrevistados, destacamos alguns aspectos importantes dentro do campo da educação estético-ambiental. Verificamos sua presença nas seguintes verbalizações: "a primeira coisa foi conhecer o Rancho, já me apaixonei de primeira, né? E eu convivia muito!" (Mariana); "eu sempre estive muito ligado durante todo o tempo de CAVG, ligado ao Rancho, […] e no Rancho tu escuta música pampeana e vai passando de uns para outros, nos cursos também" (Jordane). E, ainda, como Lucas diz: "no CAVG […] foi onde eu tive mais contato com a música em si e me dediquei mais a ela. […] o principal foco que eu tive com a música;

[...] eu passei a compor, aprender, a querer, a me dedicar mais a tocar, cantar e participar de eventos". Ou como Whisleen afirma: "quando eu entrei no CAVG, tive uma satisfação enorme de conhecer o CTG Rancho Grande – que é onde hoje eu tenho total, as minhas raízes todas estão lá, né? – que eu realmente aprendi muita coisa sobre violão: aprendi muito ritmo, aprendi o que eu sei hoje" Com essas declarações, percebemos que a educação estético-ambiental se faz presente em cada fala, porque ela se perpetua quando "sinto que estou interligada aos sujeitos e às coisas, quando compreendo que pertenço ao lugar onde vivo e busco ter atitudes ambientais" (DOLCI; MOLON, 2018: 801). E, aprofundando um pouco mais, quando temos uma "relação sensível e afetiva com o ambiente, carregando esta postura para as demais relações com os outros seres, porque a base do ser humano está nas relações – com o meio, com as pessoas, com a natureza, com o mundo", entendemos que esta é uma contribuição da educação estético-ambiental na formação destes estudantes.

Voltando à formação musical, segundo os entrevistados, o processo de aprendizagem em música no CAVG se dá de três formas: na disciplina curricular no primeiro ano do curso integrado; de forma coletiva entre os estudantes frequentadores do CTG e através de projetos extraclasse desenvolvidos sazonalmente.

Quando mencionado o ensino curricular de música, aquele que poderia ser desenvolvido a partir da metáfora de Gallo (2002: 175), entendendo a sala de aula como "trincheira" na promoção de políticas do cotidiano, das relações diretas entre os indivíduos exercendo efeitos sobre as macrorrelações sociais, este ensino é apontado pelos entrevistados como insuficiente. Entendem que o processo de ensino/aprendizagem na disciplina de música é incapaz de estabelecer relações estéticas entre colegas e com os professores, não dando conta nem mesmo dos predicados do que entendemos aqui como educação maior.

Por não haver informações coletadas junto aos professores mencionados, é inviável discorrer aqui sobre suas práticas, respeitando a autonomia pedagógica destes profissionais. Porém, por ter sido uma fala recorrente junto aos entrevistados, cabe aqui uma reflexão sobre este aspecto, que propusemos por meio de duas possibilidades.

A primeira está relacionada à confusão histórica sobre o que realmente é o ensino de música curricular. Conforme o relato dos entrevistados, ele foi repetidamente relacionado ao ensino conservatorial de música, em que o saber musical estaria relegado a uma espécie de determinismo, o que é resultado de uma noção romântica e mistificada do ensino de música, nociva à educação musical (FONTERRADA, 2008). Cabe aqui mencionar que corroboramos os escritos de Penna quando diz que "a função do ensino de música na escola é justamente ampliar o universo musical do aluno, dando-lhe acesso à maior diversidade possível de manifestações musicais" (PENNA, 2015: 27). E, ainda, entendemos que a música, em suas mais variadas formas, "é um patrimônio cultural capaz de enriquecer a vida de cada um, ampliando a sua experiência expressiva e significativa. Cabe, portanto, pensar a música na escola dentro de um projeto de democratização no acesso à arte e à cultura" (PENNA, 2015: 27).

Para a segunda possibilidade, é necessário adaptarmos o verbo "dar" utilizado por Penna (2015), pensando a realidade da sala de aula sob o prisma do "oferecer" ao estudante. É mais uma vez com Lucy Green que problematizamos tal aspecto, muito em função de sua perspectiva sobre o ensino de música pautado em práticas da música popular.

Sobre esta questão, Green (2002) entende que o processo informal de aprendizagem dos músicos populares apresenta aspectos como: escolher as músicas que desejam aprender; exercer uma escuta atenta, aprendendo por meio do processo de cópia e reprodução; aprender em grupos com os quais encontram afinidades; aprender casualmente e de forma prazerosa; relacionar os atos de ouvir, tocar, compor e improvisar. Assim como Lucy, defendemos que tais aspectos podem ser utilizados também na sala de aula. É pautada nesses princípios que Green (2008) propõe um modelo pedagógico para o ensino de música que pressupõe enculturação, desenvolvimento auditivo, trabalho em conjunto, autonomia, aprendizagem significativa, que entendemos como alternativa a contrapor os relatos dos estudantes.

Outro ponto sugerido pelos entrevistados, justificando o pouco aproveitamento da disciplina de música no curso integrado, diz respeito à carga horária disponibilizada para o desenvolvimento dos conteúdos curriculares, que atualmente é ministrada em um período de 45 minutos semanais, somente no primeiro ano do curso. Ao mencionar suas experiências com música em sala de aula, relatam também a total ausência da utilização do repertório de música pampeana nas atividades em sala de aula, e este fato nos encaminha ao segundo processo de ensino/aprendizagem de música mencionado por todos os entrevistados, que é o estudo compartilhado de música entre os estudantes, realizado nas dependências do CTG Rancho Grande. Este processo é destaque nas falas a seguir:

> […] sempre foi muito empírico, sempre foi uns aprendendo com os que estavam, já sabiam e tal. Eu entrei para o CAVG, eu não sabia tocar, eu aprendi no segundo ano de CAVG, que eu comecei a ver o, principalmente o Frederico, ele toca assim, e aquilo me encantou muito porque, pessoalmente, eu não tinha visto alguém com tanto talento assim. E uma coisa, para mim aquilo foi muito impactante, ver alguém fazendo uma… tocando uma música com harmonia e melodia junto no violão. Para mim, aquilo nunca tinha sido visto, e aquilo foi… foi impactante mesmo, que eu decidi aprender, eu decidi que eu queria aprender. E comecei a pegar em casa; aí eu tinha um violão e estava tentando tirar assim, sempre tive bastante dificuldade de coordenação; para mim, tudo era muito difícil, e aí ele, o Frederico, começou a me ajudar […] (JORDANE).

> […] lá no CAVG, eu queria saber mais. Aí um dia eu cheguei no Rancho, e o pessoal estava escutando uma milonga de Osíris de Castilho, *La galponera*. Eu estava ouvindo ali e, che, que troço bonito isso daí, né? E aí o meu colega disse assim: tchê, isso daqui é Osíris; não conheces? E eu digo: Bah, não, eu não conheço; não isso aqui tem outra visão e coisa e tal, digo: Ah, é? É, é! Ah, beleza, legal! E aí começou; daquilo ali nós ouvíamos Osíris todos os dias de noite, Osíris, Atahualpa Yupanqui; e eu carreguei daqui, do Arroio Grande, eu escutava muito a Soledad, que, bah, que era a top do momento, para mim, né? E era muito fã dela e tal, mas daí eu passei a ver que, tchê, tem músicas ali que são de tal autor que ela canta, né? Eu digo: eu vou procurar saber sobre aquele tal autor. Foi quando eu conheci o Horácio Guarany, aí eu comecei a escutar o *Chaqueño Palavecino*, *Los nocheros*. Aí eu fui abrindo um leque sabe? […] (LUCAS).

Lucy Green, em entrevista concedida a Silvia Carabetta (2016), afirma que permitir que os estudantes dirijam seus próprios estudos aciona a aprendizagem entre pares, e é possível perceber que em alguns aspectos acaba sendo mais efetivo que o processo dirigido por um professor, e que ainda pode impulsionar altos níveis de cooperação grupal. Este processo pode ser observado há mais de quatro décadas dentro do CTG Rancho Grande, o que convida os estudantes interessados em música a fazer parte de tais atividades. Os entrevistados relatam que o processo de ensino/aprendizagem compartilhado entre eles também é uma tentativa de ampliação das práticas musicais realizadas em sala de aula.

Como consequência dos relatos acima, os estudantes entrevistados destacaram um projeto criado e concebido por eles e apoiado por alguns professores, desenvolvido nas dependências do CTG. Tal projeto trata do ensino de instrumentos musicais, como violão e percussão, canto e história da música. O

processo de ensino/aprendizagem era realizado pela troca entre os estudantes, mas orientado pelo professor de música e pelo professor de história do CAVG. Os entrevistados mencionaram inúmeras vezes o apoio incondicional desses dois profissionais, bem como a colaboração de uma estudante de música da UFPel que ministrava os estudos em violão. O projeto acontecia em turno inverso aos horários de aula e era aberto a toda a comunidade escolar.

Por fim, os estudantes expuseram um antigo mal-estar entre o corpo docente do CAVG e as atividades rotineiras do CTG Rancho Grande, embora acreditem que hoje o problema já esteja contornado. Segundo os entrevistados, os estudantes desfrutavam outrora do centro de tradições gaúchas em horário de aula, o que obviamente não era permitido.

> […] no ano que eu entrei, era bem, digamos, mal falado ir para o Rancho. Os professores diziam assim: ah, não vai para o Rancho; tu vais chegar lá, tu vais rodar de ano. Sempre, todos os que entram no primeiro ano é isso: vão para o Rancho para matar aula, tomar mate ou vão para jogar truco e acabam esquecendo das aulas e rodam. Quando eu entrei, não foi muito bem dito assim, todo mundo falava: ah, quem for do primeiro ano e passar no Rancho, com certeza roda, essas coisas, só que tem que saber balancear as duas coisas, né? Tem gente que realmente passa a maioria do tempo lá e acaba se dispersando das aulas e rodando. Aí os professores não falam muito bem, não, do Rancho! Eles vão por esse lado aí: ah, vai rodar, vai levar para o mau caminho; é sempre assim (JÚLIA).

Entendemos como benéfico os professores estarem cônscios da trama complexa dos significados musicais com os quais lidamos, dos relacionamentos intrínsecos entre alunos, grupos sociais, e da abrangência de suas práticas musicais (GREEN, 1997). Sendo assim, os relatos são potentes e realizados de um ponto de vista essencial para a educação: o lugar de fala dos estudantes, de suas inquietações, de seus anseios e suas problemáticas. Acessando tais falas, é possível pensarmos uma formação musical e estética que acontece também nos interstícios da educação formal. Conforme Larrosa (1998: 102), o que importa "são os espaços intersticiais: as escadas, o pátio, a cantina, os parques e praças adjacentes, a antessala da biblioteca, os corredores entre as Faculdades, os bastidores das livrarias". Nós acrescentaríamos o CTG Rancho Grande como um desses espaços do CAVG onde a formação acontece, concorrendo, às vezes, com a própria educação formal. Seguindo ainda o pensamento de Larrosa, entendemos que os espaços intersticiais também se constituem em "lugar do conhecer-se no conhecer o outro, que vem de longe, de outra cidade, outra realidade. São também o lugar da aventura, de expor-se nas conversas banais, de ouvir outras histórias e outras aventuras" (PONICK, 2007: 20). Os espaços intersticiais também oportunizam intercâmbios culturais, servindo de impulso para aprender a tocar violão ou outro instrumento e até para assumir responsabilidades no próprio CTG. Um espaço de identificação e de descoberta de gostos musicais que aproximam o lugar de origem dos jovens estudantes com a origem e os jovens do novo lugar.

Pensar a música como construção social e, para além disso, entendê-la como representatividade sensorial de afetos e sentimentos, categorias imagéticas que podem ser disparadas por meio da música pampeana, é fundamental para compreendê-la quando mencionada sob aspectos que não se emolduram em critérios técnicos, estéticos ou históricos. Anteriormente, na apresentação dos entrevistados, transpareceu também a dicotomia entre estudantes externos e internos do CAVG, que revela uma outra perspectiva de suas relações com a música. Mais da metade dos entrevistados é ou foi estudante interno do CAVG, podendo conviver em tempo integral no espaço educacional e no CTG Rancho Grande, o que lhes permitiu estabelecer laços

distintos com a música. Whisleen, ao mencionar o seu deslocamento de Piratini para Pelotas, ressalta:

> […] quando eu fiz essa transição – que, para uns, é muito fácil, né? Fazer uma transição assim –, para mim, que sou muito apegado a onde eu moro, na minha região do 3° distrito de Piratini, né, minhas raízes estão lá. Enfim, se não fosse pela música, por todos os dias eu levantar e botar uma música a tocar ali no meu quarto, para mim me lembrar de lá, com certeza essa transição não teria sido fácil.

A escuta mencionada pelo entrevistado como refúgio para sua saudade do lar, ou ainda, como apoio para enfrentar tal sentimento, encontra reverberação nos ditos de Green (1997: 29), quando relata não ser possível ouvir música sem uma delineação ou outra. Segundo a autora, nem sempre delineamos conscientemente, mas sempre há alguma delineação em nossa mente, como um elemento integrante de nossa experiência de escuta.

As entrevistas revelaram que escutar música pampeana, seja em grupo ou individualmente, é prática comum entre os integrantes do CTG Rancho Grande. Desvelaram ainda que, mesmo sendo apreciada ou praticada rotineiramente pelos estudantes, esta categoria musical promove dissonância quanto à sua conceituação. A maioria deles entende que existem subdivisões estilísticas entre música nativista, música gaúcha e música pampeana, muito embora aceitem a proximidade e a interação entre elas, assumindo que estão contidas umas nas outras. Assim entende Jordane, quando menciona que

> […] é uma pergunta bem complexa! Já pensei sobre isso para poder explicar para as pessoas, principalmente as pessoas que não têm a vivência dessa música. Eu acho que uma música pampeana seria a música do Pampa, entende? A música voltada à cultura, à tradição folclórica, e folclórica tanto de artística quanto de campo, música que fala do cavalo, fala do gado, fala de estância […].

Em sua maioria, os entrevistados e entrevistadas, ao mencionarem a música nativista, se referem a ela como "aquelas que são de festival" ou ainda como "aquelas que são mais lentas". Ao se referirem à música gaúcha, estabelecem relações com a música fandangueira (baile), vinculando-a com as regiões norte e serrana do estado, não a categorizando como música pampeana por este fator.

Já quando inquiridos sobre outros estilos musicais, como a MPB, a resposta foi unânime quanto à forma e ao estilo. Assim como interessou a Green (1997: 32), fascina-nos no estudo sociológico da música – educação – compreender qual é o papel desempenhado pela escola nesta reprodução e, por meio da sociologia da música, relacionar as maneiras pelas quais a organização social da prática musical e a construção social do significado são reproduzidas dentro da história.

2. *El cosechero*[7] de sons

A priori, como produto da pesquisa que tem início por meio deste artigo, mas que entendemos como potente para outros tantos desdobramentos junto aos campos da educação, educação musical e da música, pudemos confirmar a relação histórica entre este espaço educacional, o CTG Rancho Grande, e a música pampeana, como relatou Lucas: "O CTG Rancho Grande tem uma coisa que é só dele, entende? O coração dele é a música".

As entrevistas evidenciam que o repertório, bem como os aspectos técnicos e sócio-histórico-filosóficos da música pampeana, não foi abordado durante a disciplina de música no CAVG. Entendemos como convidativos os questionamentos realizados pelos entrevistados, buscando por respostas para os motivos pelos quais a música pampeana não é utilizada e tampouco há uma aproximação deste repertório com as aulas de música, como os entrevistados afirmaram. Pensamos que compreendermos detalhamentos das decisões metodológicas dos professores de música do CAVG pode colaborar com sua prática e com a de outros tantos educadores que estão em constante formação/atualização.

A educação estético-ambiental também está presente nas falas dos participantes da pesquisa, bem como nas práticas desenvolvidas no CTG Rancho Grande, pois foi possível perceber atitudes estéticas e ambientais em várias ações relatadas pelos entrevistados, visto que, ao tentarem provocar alguma mudança na realidade dos estudantes, estão também causando mudanças nas próprias atuações, pois, ao transformarem a realidade do outro, transformam a realidade de cada um. Fica o desafio de pensarmos estratégias pedagógicas para inserir também a educação estético-ambiental no contexto do CAVG, a exemplo do que estamos propondo para a educação musical.

Como frutos desta pesquisa, obtivemos, além de alguns pontos apresentados neste artigo, outros tantos questionamentos e problematizações que motivam e instigam a continuidade das arguições que entrelaçam a música pampeana, a educação estético-ambiental e a educação musical. Inquietações que germinaram de um solo fértil de possibilidades, onde basta semear, depois acompanhar a sabedoria da natureza e do tempo para vê-las florescer e para colhê-las no tempo oportuno.

A relação entre este espaço educacional e músicos de grande relevância cultural da música pampeana foi relatada por todos os entrevistados e entrevistadas, confirmando assim o fato e destacando recorrentemente como motivação de práticas musicais mantidas e desenvolvidas no CTG.

Os e as estudantes, ao desenvolverem suas atividades junto ao CTG, em um processo de ensino/aprendizagem de música autônomo e colaborativo, são como pássaros canoros, semeadores de arte que, rizomaticamente, cultivam as musicalidades do Pampa de forma orgânica e tradicional. Fertilizam-nas por meio de sentimentos juvenis, de sonhos e afetividades, concebendo sua escola como um lugar mítico, místico, como todos nós educadores um dia a vislumbramos, seja através da lente do estudante que outrora fomos, do acadêmico imbuído de positividades revolucionárias ou do professor que ainda acredita na escola como espaço libertador.

Como *cosecheros* de sons, entendemos este artigo como quem, metafórica e poeticamente, prepara a terra para plantar, germinar e colher em um processo infindo de um ciclo de eterno devir. Metáforas que remetem à realidade de práticas de educadores e educadoras, que devem continuar firmes e atentos aos estudantes em primeiro lugar, como colaboradores do saber. Entendemos as reflexões aqui

[7] Quem colhe. Disponível em: https://www.wordreference.com. Acesso em: 15 nov. 2020.

apresentadas como uma possibilidade de contribuir para uma educação sensível e buscar promover atitudes críticas, atividades estético-ambientais capazes de transformação, experiências conectadas com o cotidiano, próximas à realidade social, cultural, histórica, em uma pedagogia da sensibilidade. Deste modo, pensamos que é preciso investir no desenvolvimento da imaginação, da capacidade criativa de cada um, pois o mundo está carente de sutilezas, delicadezas, poesia e música.

Referências

ANTUNEZ, José Leonel da Luz. *CAVG*: história de um patronato. Pelotas: Ed. Universitária: UFPEL, 1996.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Qualitative Research for Education*: An Introduction to Theory and Methods. Boston: Allyn and Bacon, 1982.

CAVG. JOOMLA. Pelotas: Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Campus Visconde da Graça, Ministério da Educação, 2019. Disponível em: http://www.cavg.ifsul.edu.br. Acesso em: 27 nov. 2019.

CARABETTA, Silvia. Entrevista con Lucy Green. *Foro de educación musical, artes y pedagogia*, v. 1, n. 1, p. 133-156, set. 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *Mil Platôs*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1995.

DOLCI, Luciana; MOLON, Susana Inês. Educação Estético-Ambiental: o que revelam as dissertações e teses defendidas no Brasil. *Revista Ibero-americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 13, n. 2, p. 785-806, abr./jun. 2018. DOI: 10.21723/riaee. v13. n 2.2018.9656.

DOLCI, Luciana; SIMÕES, Juliana Duarte. Educação Estético-Ambiental: uma prática emancipatória. *Revista Ambiente & Educação*: Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, v. 27, n. 1, ago. 2022.

FELIPE. Entrevista concedida ao autor em 27 out. 2020. Arquivo de áudio em formato mp3.

FONTERRADA, Marisa Trench de Oliveira. *De tramas e fios:* um ensaio sobre música e educação. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

GALLO, Sílvio. Por uma Educação Menor. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 169-176, jul./dez. 2002.

GREEN, Lucy. Pesquisa em Sociologia da Educação Musical. Trad. Oscar Dourado. *Revista da ABEM*, Londrina, v. 4, n. 4, 1997.

GREEN, Lucy. *How popular musicians learn*: a way ahead for music education. London: Ashgate, 2002.

GREEN, Lucy. *Music, informal learning and the school*: a new classroom pedagogy. Hampshire: Ashgate, 2008.

JORDANE. Entrevista concedida ao autor em 26 out. 2020. Arquivo de áudio em formato mp3.

JULIA. Entrevista concedida ao autor em 26 out. 2020. Arquivo de áudio em formato mp3.

KATHERINE. Entrevista concedida ao autor em 25 out. 2020. Arquivo de áudio em formato mp3.

LAMBERTY, Salvador F. *ABC do Tradicionalismo Gaúcho*. Porto Alegre: Martins Livreiro Ed., 1989.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana*: danças, piruetas e máscaras. Tomaz Tadeu da Silva (ed.). Porto Alegre: Contrabando, 1998.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. *Educação ambiental*: questões de vida. São Paulo: Cortez, 2019.

LUCAS. Entrevista concedida ao autor em 25 out. 2020. Arquivo de áudio em formato mp3.

MARCHITAR. *In*: WORDREFERENCE: Dicionários on-line de idiomas. Disponível em: https://www.wordreference.com/espt/marchitar. Acesso em: 21 nov. 2020.

MARIANA. Entrevista concedida ao autor em 25 out. 2020. Arquivo de áudio em formato mp3.

MATHEUS. Entrevista concedida ao autor em 27 out. 2020. Arquivo de áudio em formato mp3.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PONICK, Edson. *Experiências formativas*: contribuições da Semana de Criatividade para a formação de professores. 82 p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2007.

READ, Herbert. *A educação pela arte*. Trad. Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001. [Título original: *Education through art*].

SCHAFER, R. Murray. *A afinação do mundo*: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. Trad. Marisa Trench Fonterrada. São Paulo: Editora UNESP, 2001. [Título original: *The Tuning of the World*].

SCHLEE, Aldyr Garcia. *Dicionário da Cultura Pampeana Sul-Rio-Grandense*. Pelotas: Fructos do Paiz, 2019.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA, Virgínia Tavares. *Naturalismo poético-pampeano*: uma potência musical do pensar. 119 p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2017.

WHISLEEN. Entrevista concedida ao autor em 27 out. 2020. Arquivo de áudio em formato mp3.

Flávio da Silva Mendes é doutorando pela Educação Ambiental na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Graduando em Música/ Violão pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Mestre em Educação Ambiental pela FURG, Especialista em Educação pela UFPel, Bacharel em Música/ Canto pela UFPel e Licenciado em Música pela UFPel. Membro do Núcleo de Estudos "Saberes Costeiros e Contra Hegemônicos" (NECO) e do Núcleo de Pesquisa Estético-Ambiental sobre o Teatro na Educação (NUPEATRO). Atualmente é professor de música na Escola de Belas Artes Heitor de Lemos (EBAHL) e no Arteria Espaço Arte. Tem experiência na área de Música, com ênfase em canto e violão, atuando principalmente nos seguintes temas: Pampa, Música Pampeana, Educação Musical, Educação e Educação Ambiental. mendesmusica@outlook.com

Edson Ponick é Licenciado em Música pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002). Doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia, com ênfase em Teologia com Crianças. Bolsista Capes de 2010 a 2014. Mestre em Teologia pela Escola Superior de Teologia (2005-2007) na área de Religião e Educação, com ênfase em educação comunitária na infância e na juventude. Licenciado em Educação Cristã pela Escola Superior de Teologia (1994). Tem experiência na área de Educação Musical e criatividade, Formação de Professores e Teologia com crianças. Pesquisa os seguintes temas: Educação Musical, Formação de Professores, Ensino-aprendizagem, Teologia com crianças. Atuou como professor de Educação Musical na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, na Rede Municipal da Prefeitura de Porto Alegre. No momento é professor do Departamento de Ensino da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas/RS, atuando nas áreas de Educação Musical, Arte Educação e o brincar nas infâncias. edsonponick@gmail.com

Luciana Netto Dolci é Doutora em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Professora Adjunta no Instituto de Educação (IE) da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Atualmente é Professora e Coordenadora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental - PPGEA/FURG, na linha de pesquisa Educação Ambiental: Ensino e Formação de Educadores(as) (EAEFE). É líder do Núcleo de Pesquisa Estético-Ambiental sobre o Teatro na Educação - NUPEATRO/FURG. Aborda os seguintes temas: teatro na educação, educação estético-ambiental, educação estética, educação ambiental, práticas pedagógicas, formação docente e o ensino da Língua Portuguesa nos Anos Iniciais. ldolci@hotmail.com